

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Diário do Povo (S.P.)*

Class.: 187

Data: *22 de Janeiro de 1984*

Pg.: \_\_\_\_\_

# Omar luta em favor de uma raça: os índios



A atual política está contribuindo com o fim dos índios

Quando o Brasil foi descoberto em 1500, viviam aqui 5 milhões de índios. Já em 1900 existiam apenas 1 milhão de índios em nosso País. Se a perspectiva e a política relativa à questão indígena forem mantidas, sem dúvida, no ano 2000, já não teremos mais a companhia dos primeiros habitantes dessas terras. Atualmente o Brasil conta com uma população de 200 mil índios, sendo que 50 mil deles estão sob responsabilidade de missionários religiosos, 30 mil são arredios, — não foram ainda contatados — e 120 mil índios estão sob cuidados da Fundação Nacional do Índio (Funai). Segundo Omar Landi, que durante dois anos foi chefe da Ajudância do Solimões, no Amazonas, ligada à Delegacia da Funai de Manaus, todos aqueles que tratam seriamente a problemática indígena entendem que o índio vai ser integrado, mais cedo ou mais tarde, à sociedade brasileira; no entanto, é necessário que a integração se dê gradualmente e que não implique no genocídio que tem ocorrido com a atual política.

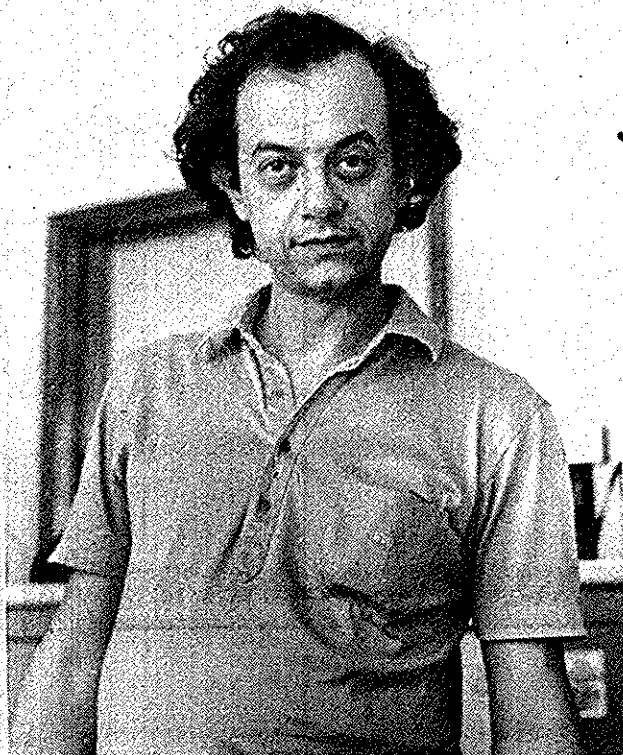
Omar Landi, além do trabalho no alto-Solimões, exercido até 83, trabalha em pesquisa e assistência aos índios desde 1974, com os índios de Rondônia, principalmente os Pakaa Nova. Participou também como sertanista da expedição Cousteau, indicado pela Funai. Quanto à expedição, lamenta o fato de Jacques Cousteau não ter percebido a real situação do índio no Brasil, já que em entrevista à revista *Veja*, o estudioso francês afirma que a situação do índio brasileiro é ótima.

No entanto, Omar lembra que os Matis, que vivem na bacia do Javari, divisa do Brasil com o Peru, seriam ainda em menor número — eram 300 Matis em 74 e 92 em 1983 — não fosse a intervenção da boa equipe da expedição que atendeu aos índios vitimados por um surto de gripe.

— O homem branco — diz Omar Landi — demorou mais de mil anos para sair da pedra lascada para a roda. Hoje, a política indigenista do Governo quer que os índios saiam do machado de pedra para dirigir um trator em mil dias. O grande genocídio hoje no Brasil está sendo feito com os índios isolados, que estão nas regiões mais esquecidas deste País. Atalaia do Norte, por exemplo, é o terceiro município em território no Brasil e onde está a maior concentração indígena, e não existe nem um médico nem enfermeira lá. Na Ajudância do Solimões em Atalaia, que cobre todos os índios do Javari e alto-Solimões — onde estão 20 mil índios Tikuna, a saúde está nas mãos de três atendentes de enfermagem.

**SPI - Bois e índios**

A história dos órgãos federais, destinados à proteção do índio brasileiro começou com o Serviço de Proteção ao Índio, criado pelo marechal Rondon, cuja maior preocupação, segundo Omar, eram os contatos com os grupos isolados. Depois de 64, foi extinto o SPI e em 68 criada a Funai. "A Funai pertence ao Ministério do Interior, diz Omar, o que causa um choque entre a política desenvolvimentista do Ministério e a problemática indígena, onde caberia mais uma política de retração do que expansão. O pior era com o Serviço de Proteção ao Índio, que era ligado ao Ministério da Agricultura; quer dizer, tinham os bois e os índios".



Omar trabalha com eles desde 74...

— Enquanto a Funai não se preocupar em ter um trabalho de atração — alerta Omar — com uma coordenação em Brasília e não tiver mais respeito com essas culturas isoladas, as frentes de atração serão mais assassinas do que pacificadoras. Para se ter uma idéia, a Funai não tem nenhum dado de quantas frentes de atração estão ainda em atividade. Isso porque não existe nenhuma preocupação da Funai com os índios isolados. Os grandes sertanistas que defendiam os índios estão fora da Funai, como Apoena Meireles, Cláudio e Orlando Vilas Boas e outros, por não terem mais poder político dentro da Funai.

**Contato violento**

A região do Alto-Solimões que vai de Tefé, no Amazonas, até Cruzeiro do Sul, no Acre, conta hoje com 50 mil índios arredios e integrados na cidade, inclusive já negando a própria etnia. Desses, 20 mil são da tribo Tikuna, a maior nação que fala a própria língua no Brasil. "Com o contato violento com o homem branco, lembra Omar, desde o início da exploração da borracha, os Tikuna entraram em agonia cultural, quando passaram a questionar sua própria cultura, apesar de uma grande resistência, como prova o uso da língua ainda". Um dos exemplos dessa agonia cultural é o fato de, índios passarem até a participar de movimentos messiânicos. "O último, diz Omar, foi o do Zé da Cruz, um louco que decorou a Bíblia e fundou uma religião onde ele "conversava" com Deus e pregava o apocalipse. E o povo Tikuna e o povo da Cruz iriam se salvar. O Zé da Cruz morreu e deixou um sucessor. Imagine quando a televisão mostrar esse filme da guerra nuclear! Eles vão achar os brancos ainda mais poderosos".

Por tradição, os habitantes do Solimões vivem da extração da borracha e madeira, e os únicos que plantam são os Tikuna. "Então, lembra Omar Landi, sendo os únicos que se dedicam à agricultura, a economia indígena se tornou mais forte que a branca. Eles utilizam as

margens do Solimões no período da seca, de maio a outubro, para plantarem. No inverno, o humus e as águas revigoram as terras. Por outro lado, todas as grandes empresas do Amazonas plantam em terra firme, o que exige a destruição da floresta. Eles plantam arroz, feijão, milho, farinha, banana, laranja, etc., e fornecem para Tabatinga, Benjamin Constant, até Leticia no Peru. Além disso, eles extraem borracha e madeira. Se os Tikuna não venderem para essas cidades, os alimentos terão que vir de Manaus e Belém do Pará".

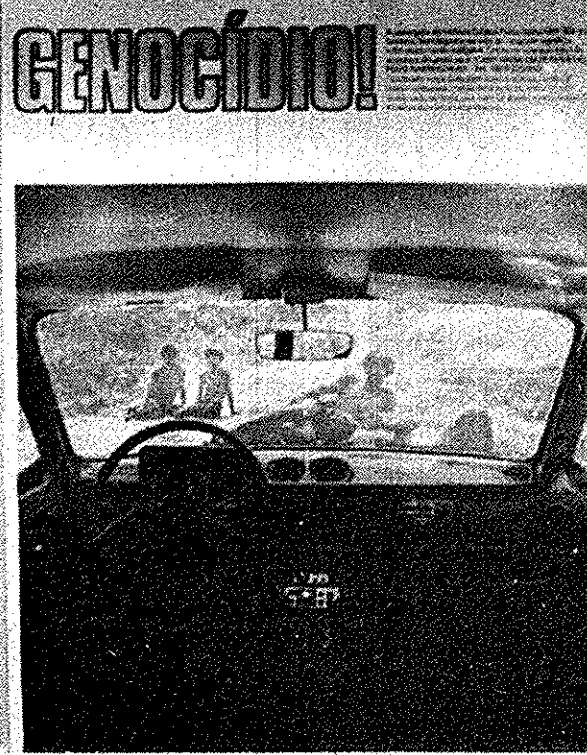
**Política errada**

Para Omar, a política da Funai é agrupar cada vez mais a população indígena em grandes aldeias com o objetivo de liberar as áreas ocupadas por eles. "A Funai, diz ele, tenta agrupar as quase 50 aldeias Tikuna em apenas 7, dando assistência às sete aldeias e negando às demais. Para se ter uma idéia da disparidade do atendimento da Funai, o Parque do Xingu, que é atendido pela Escola Paulista de Medicina, com 2 médicos e 9 enfermeiras, realiza 100 vôos anuais para socorro dos índios, e tem até escritório de representação em São Paulo, conta com apenas 3000 índios. Também os Pakaa Nova, com 1200 índios, têm uma Ajudância só para eles. Quer dizer, onde existem condições da população brasileira pressionar a Funai, ela protege mais os índios".

— Morreram, no ano passado, no Xingu 20 índios — explica Omar. E até o chefe do Departamento de Saúde da Funai esteve lá ajudando, sendo que no Amazonas morrem mais de vinte índios por dia. Dos Kanamari, que vivem na nascente do rio Itaguaí, só em setembro de 83, morreram 20 crianças, e a sua população não chega a 300 pessoas.

**Dois maridos**

Os Matis, que vivem na nascente do Rio Itui, é o único grupo matriarcal do Brasil. Os Matis têm uma mulher como cacique, e em todas as relações de poder, a mulher é preponderante. A mulher, além de escolher, poderá ter até dois maridos,



e diz que está ocorrendo um genocídio

além de ser permitido que tenha um filho com um amante". Só em janeiro de 82, conta Omar, morreram 30 Matis sem nenhum atendimento da Funai. Eles estão isolados; todos foram morrendo de gripe e, antes, de infecção e de bala de madeireiro".

Na região da Bacia do Javari, explica Omar, na divisa Brasil-Peru, está o último lugar do mundo onde a divisão espacial é dada por grupos silvícolas. "São 9 grupos de índios arredios, como se fosse um território indígena. Entre elas estão os Matis, limitados ao Norte pelos Kurubu, ao Sul por um grupo isolado — ainda não se sabe o nome — a Leste pelos Kanamari e a Oeste pelos Marubu. Este vale é invadido por contra-bandistas de madeira peruanos e pelos traficantes de cocaína, que vão do Peru para a Colômbia; além das grandes firmas madeireiras e seringalistas do Acre".

— Um grande seringalista de Cruzeiro do Sul, no Acre — continua Omar — Petrólio Magalhães, colocou 90 famílias de seringalistas na região do rio Jaquirana, habitada pelos índios Mayuruna, utilizando-se para retirar a seringa, uma pista concretada da Petrobrás. Em contato com uma aldeia Mayuruna, esse tal de Petrólio distribuiu chocolates e chicletes para os índios, o que significa doenças e, como eles não têm atendimento da Funai, a morte. Um dos maiores problemas hoje, no Brasil, é o genocídio dos grupos isolados, cuja maior concentração é nessa área. Ou eles têm contato com madeireiros e seringueiros com combate entre eles, ou no caso de ser pacífico, significa a morte por doença.

A construção da Transamazônica, quando as frentes de contato feitas pela Funai, sem nenhuma coordenação, levaram à morte grande parte dos índios contatados é um exemplo do trabalho realizado pela Funai. "Em todas as pacificações da Funai, conclui Omar Landi, você tem o extermínio de 50% da população indígena por falta de atendimento médico. Hoje, o índio brasileiro é o maior inimigo da Funai".